

Maternidade atende com força máxima

Superlotação dificulta o bom atendimento no Hospital Regional de Ceilândia, onde são realizados quase 900 partos por mês

Adona-de-casa Maria de Lurdes Gonçalves, de 25 anos, saiu de casa na noite do último sábado. Eram 23h quando deixava a família no Parque da Barragem, em Águas Lindas (GO), de carro, sentindo um pouco o abdome e queixando-se de uma dor de cabeça insuportável. Com pressão alta, grávida de 9 meses, Maria de Lurdes chegou na madrugada de domingo na emergência do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Antes, a mãe de quatro crianças passou pelo Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Como não havia vaga no Centro Obstétrico (CO), Maria de Lurdes foi encaminhada ao hospital da cidade vizinha.

Uma via-crúcis que durou até as primeiras horas de domingo, quando, finalmente nascia uma menina saudável e de cabelos pretos, com 49 cm e 3.035 quilos que deverá se chamar Patrícia. A dona-de-casa, porém, demorou para sair do Centro Obstétrico. A filha foi amamentada no Centro em uma sala que abriga as mães que acabaram de dar à luz até a liberação de mais um leito em uma das 12 enfermarias da maternidade.

"O Centro Obstétrico estava lotado. Recebi um bom atendimen-

to, mas ouvia os gemidos das mulheres que estavam ali para ganhar os bebês", conta a dona-de-casa Maria de Lurdes Gonçalves. Ontem à tarde, a mãe de Patrícia finalmente conseguiu descansar em um dos leitos da enfermaria 115. A maternidade do Hospital Regional de Ceilândia, que completou 16 anos de funcionamento, tem uma realidade difícil. Superlotação e poucos leitos para abrigar as mães. Diariamente ocorrem no Hospital perto de 30 partos — 23 normais e sete cesarianas. Por mês, são quase 900.

Mães que vêm de Ceilândia, cidades vizinhas, como Taguatinga, Samambaia, Recanto das Emas e do Entorno, como Águas Lindas (GO). Mães que esperam cerca de 12 horas no Centro Obstétrico (CO), mal acomodadas nas macas, com os filhos recém-nascidos, até a desocupação de uma das camas na enfermaria. Se o parto é normal, o leito geralmente é desocupado em 24 horas. Casos de cesarianas exigem permanência que varia de 48 a 72 horas.

Uma situação que preocupa o diretor do Hospital de Ceilândia, Jorge Rogério Martins Pitanga. A casa de saúde que 18 anos atrás foi construída com capacidade para

Carlos Moura



Berçário também passa por dificuldades: área de alto risco tinha duas pacientes acima da capacidade de atendimento

50 leitos, hoje tem 213. Insuficientes para atender à demanda, principalmente na maternidade. Entre os riscos para mães e bebês, aponta o diretor, estão o atraso no atendimento, desconforto para ama-

mentação e para o bebê que divide a mesma maca.

NOVO HOSPITAL

O clínico geral Jorge Rogério Pitanga avalia que existe uma defi-

sagem de leitos hospitalares e defende ainda a ampliação da prestação de serviços nos centros de saúde. "Temos um bloco inteiro aqui no Hospital de Ceilândia destinado à maternidade, com 64 le-

tos, sempre cheio e sem vagas", declara.

Uma paciente que também não esquece os gemidos das mães e dos bebês no Centro Obstétrico é Maria da Cruz Silva, de 19 anos. A dona-de-casa, mãe de Giovanna, de 48 cm e 3.085 quilos, veio do Recanto das Emas na madrugada de domingo, com dores. A menina nasceu às quatro horas da manhã, de parto normal. Nem precisou ir para o berçário, que também enfrenta problemas. O berçário de médio risco do Hospital de Ceilândia, ontem à tarde, estava com a lotação esgotada, ou seja, 15 leitos ocupados. Já a área de alto risco tinha superlotação, com nove bebês e capacidade apenas para abrigar sete.

De acordo com a assessoria da Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal, uma das alternativas para a reduzir a demanda nos hospitais de Ceilândia e Taguatinga é o projeto que prevê a construção do Hospital Regional de Samambaia. O projeto, orçado em aproximadamente R\$ 25 milhões, está pronto. Serão 150 leitos à disposição da comunidade, com atendimentos nas áreas de cirurgia, maternidade, pediatria, cardiologia e clínica médica. Conforme a Secretaria de Saúde, as obras do hospital, que será construído na quadra 204, lote 1, em Samambaia, deverão iniciar ainda este ano. A estimativa é de que o processo de licitação seja concluído dentro de 90 dias.